

DA FILOSOFIA À EDUCAÇÃO (E DA EDUCAÇÃO À FILOSOFIA)

*por Gustavo Chataignier Gadelha**

KONDER, Leandro. **Filosofia e Educação** – de Sócrates a Habermas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2006. 116 p. O livro integra a coleção “Fundamentos da Educação”, organizada por Zaia Brandão, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Acaba de ser publicado **Filosofia e Educação – De Sócrates a Habermas**, do filósofo Leandro Konder. Sua proposta é a de traçar um panorama da história da filosofia, partindo dos pré-socráticos e desembocando em nossos dias, com Habermas. Nessa hercúlea tarefa, nada foi deixado de lado: o diálogo entre Filosofia e Educação se inicia com Tales e Pitágoras e segue adiante, percorrendo o Renascimento, o Barroco, o Iluminismo, as Revoluções Burguesas, o século XIX com o marxismo e seus desdobramentos, o positivismo, o irracionalismo e, por fim, as tendências contemporâneas do pensamento.

* Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: eternel_retour@yahoo.com.br.

O autor nos adverte logo nas primeiras páginas sobre seu itinerário: desaconselha-se a leitura de **Filosofia e Educação** àqueles que não apreciem História e – menos ainda – Filosofia. Além disso, seu intuito foi o de fazer um livro “divertido”, o que se comprova com o desenrolar do texto. Como já aparecia em **Walter Benjamin, o marxismo da melancolia**, o humor revitaliza a dialética. O riso escancarado cede lugar à fina ironia.

Não pense o incauto leitor, contudo, que se trata de uma leitura “fácil” ou sem rigor teórico. Muito pelo contrário, apesar de Konder fazer questão de salientar que seu estudo é uma introdução à Filosofia, vemos um texto combatente, disposto a enfrentar os problemas da Educação com argumentos entrelaçados pelo fio condutor da História:

É na História que podem ser enxergados, entrelaçados, os filósofos individualmente considerados e os problemas coletivos que condicionavam suas reflexões. É nela que podemos acompanhar o quadro instável das tensões sempre recorrentes entre o *novo* que chega e o *constituído* que se recusa a partir.

O decisivo é chegar ao processo de formação das idéias.

Falamos até agora quase que exclusivamente de Filosofia; mas, e a Educação? Arriscamo-nos a inferir que, quiçá dada à formação ampla e cosmopolita de nosso autor, que talvez o faça buscar a raiz dos problemas, Filosofia e Educação são termos por demais próximos. A Educação se depara necessariamente com questões filosóficas, impossibilitando de antemão qualquer sorte de *desinteresse* por parte do educador. Questões como “o que é o homem”, “o que é a verdade” se impõem e exigem um tratamento filosófico. Preferências e tomadas de posição se inserem nesse quadro. Se a transmissão de conhecimento se relaciona à formação de valores, sejam eles legitimadores ou contestadores da ordem estabelecida; mais ainda, se educar-se é um exercício de reflexão sobre as realidades vividas, então os limites entre uma e outra é tênue, deslocável, fluido. Antes de mais nada, o educador deve se educar.

Na Grécia antiga, arte e filosofia eram *Paideia*, ou seja, eram mediações objetivas através das quais o homem aprendia; toda a cultura do povo passava, necessariamente, pela tradição – transmitida e cultivada desde as menores realizações do *socius*. Sua contemplação não as separava das decisões cotidianas e das questões da esfera pública. Concomitantemente reflexo e reflexão sobre a vida, de acordo com a teoria lukácsiana, pensamento e arte são intervenções a partir do dado e um pensamento sobre ele. Nesse espelho, o homem conhece a si mesmo e a sociedade na qual se insere – na medida em que interioriza silenciosamente valores. Nesse sentido, o simples exame de objetos da cultura é o bastante para gerar reflexão. E a ação capaz de reunir os fragmentos de fantasmiais vivências e de eventos incondicionados, sobre eles atuando, é um aprendizado. Pensamento e prática unem-se numa instância superior, que não os nega abstratamente: está-se, portanto, diante da essência do homem, de seu Ser. Por isso, em suma, que nem os gregos e tampouco Leandro Konder pensam a Educação como uma ferramenta medidora de capacidades, serve de empreendedorismos. Antes, sua vocação é a Filosofia (assim como a recíproca não deixa de ser verdadeira...).

Antes da Filosofia, a religião e os mitos tinham o papel de educar. A busca pelo “elemento primordial” ou *physis* caracteriza o primeiro momento grego da Filosofia. De Sócrates e Platão, Konder colhe os princípios básicos de teoria do conhecimento e ressalta que, enquanto Sócrates jamais escreveu um livro e simpatizava com o democrata Péricles (ainda que jamais tenha se envolvido diretamente com a política), seu discípulo Platão era um feroz adversário do sistema democrático. Uma mudança de tal monta não se sucedeu ao mero acaso, fruto de um incondicionado devir. O incremento das relações comerciais entre as cidades gregas as levaram ao regime de tirania; a legislação ateniense foi reformada, abrindo espaço à participação popular; o poder deixou de se concentrar nas mãos de um rei, sendo compartilhado entre uma assembléia (*Eclesia*), uma espécie de tribunal popular (*Heliéia*) e um conselho legislativo (*Bulé*). A observação da natureza e a busca de explicações para além desta (*Meta Physis* ou metafísica) dá lugar ao “conhecimento da condição humana”, ao “sujeito da *polis*, o político”.

A importância do método maiêutico coloca desde seu berço a Filosofia no dissenso, no espectro das multiplicidades; a via dialógica poderia, segundo Sócrates, levar à verdade – o que, de certa forma, uniria o início e o fim do livro, já que para Habermas a razão comunicativa é uma “prática social *simbólica*, mediatizada pela linguagem”. Por mais que uma série de argumentos da crítica contemporânea ao que se convencionou denominar por “metafísica” não seja plenamente explorada por Konder – e certamente sua proposta passa ao largo disso, de uma genealogia de inspiração nietzscheana que vê no platonismo a origem da cisão entre as esferas sensível e inteligível – pode-se dizer que a dupla Sócrates-Platão sofre uma *Aufhebung*, no sentido de em um só tempo realizar uma negação-conservação-superação. Logo, a negação do imediato como princípio do conhecimento expressa no “só sei que nada sei” ganharia nova roupagem com a “ação comunicativa” e seu inovador paradigma de teoria do conhecimento:

Ao invés de se apoiar sobre o sujeito ou sobre o objeto, o conhecimento tem de se concentrar desde logo na relação sujeito/objeto. Esse paradigma é o paradigma do *agir orientado no sentido do entendimento mútuo*; ele evita que o sujeito seja concebido como uma *subjetividade subjugante*.

Konder destaca ainda a crítica habermasiana ao conceito de “razão instrumental”, que corresponderia às necessidades de produção e à dominação da natureza. Sistêmica, recalcaria a interação propiciada pela linguagem – fato para o qual Marx não teria sido atento. Sua denúncia dessa ideologia evita que se reduza a *práxis* à técnica, conferindo uma dimensão moral à prática.

Não nos cabe no espaço de uma resenha fazer um, por assim dizer, “resumo” do texto, batendo o cartão em cada uma das paradas dessa viagem no tempo. Vale mais beber diretamente da obra, de onde mediações podem ser criadas de forma mais livre. Ressaltaremos, portanto, uma das características marcantes que nos parece atravessar a produção intelectual de Leandro Konder e de pensadores de sua

geração, como seu fiel amigo Carlos Nelson Coutinho (o leitor mais atento já deve ter percebido que falamos de História). Na contramão dessa via de mão única que assola o debate acadêmico, o autor não se intimida com modismos mal ajambrados, permanecendo firme em seu propósito de historicizar o pensamento, assim contribuindo para uma melhor educação de seus leitores.

O descobrimento do Brasil e da América é relacionado com o pensamento da renascença, tendo-o influenciado decisivamente. Em 1500, tanto Maquiavel quanto Erasmo tinham 31 anos, um pouco mais velhos do que Thomas Morus, então com 22. A “Utopia”, ilha descrita pelo personagem do marinheiro português Rafael Hitlodeu numa de suas viagens com Américo Vespúcio, dispensava a propriedade privada. Não obstante, visando à libertação no futuro, carrega o fardo de um “passado que se recusa a morrer”. No não-lugar de Morus há escravos, as mulheres devem ser submissas, são proibidos os jogos de azar e só há liberdade religiosa para o monoteísmo. Por outro lado, os urinóis são confeccionados por ouro! Percebe-se nitidamente nessa crítica a incorporação do pensamento de Walter Benjamin, para quem o apelo das injustiças passadas deve liberar a vida presente; a marcha para a salvação se esquece das urgências da ordem do dia, fazendo abstração das contradições reais.

A visão da História como uma eterna catástrofe, olhada por um anjo impossibilitado de agir (pois é empurrado para o futuro enquanto contempla a barbárie que fica para trás) é também um traço do mais melancólico dos marxistas, presente na análise de Benjamin do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee. Na descrição dos “contestadores” (Saint-Simon, Fourier, Owen, Flora Tristan, etc.), se assume esse destino de infindo recomeço, uma vez que “a execução de Babeuf marcou o início da luta política pela realização prática de um programa socialista. E esse início foi uma derrota”.

Muitas das passagens reunidas nesse livro constam das aulas ministradas nos últimos vinte anos por Konder à frente da cadeira de Filosofia da Educação, no Departamento de Educação da PUC-Rio. Quem já teve o prazer de assistir a alguns desses cursos certamente vai

reconhecer e ternamente se lembrar de passagens e divagações. Um bom exemplo disso talvez seja a cuidadosa definição da *filosofia* de Marx, de todo distinta do engessador dogmatismo de cartilhas. Cabe ressaltar que o afincado dedicado a Marx representa, de maneira coerente com vida e obra de Konder, “a atenção especial que ele nos parece merecer”, pontua o filósofo carioca. A concepção de trabalho é habilmente sintetizada, ao se retomar a comparação entre as abelhas e os arquitetos. A diferença entre esses trabalhos é de ordem *qualitativa*. A atividade do inseto não cambia, pois impulsionado automaticamente ele nada projeta. Já o homem, por sua vez, tem momentos de liberdade, onde faz escolhas e imagina caminhos possíveis (o arquiteto faz a planta para sua morada). Assim, “o filósofo do trabalho e do trabalhador” (outro termo recorrente no léxico de Konder), mas também todo revolucionário e pensador crítico, se pergunta como o trabalho deixa de ser a atividade de autocriação do homem e se torna uma prisão aviltante. Marx estava convencido de que a classe operária era a portadora do *novo*; como maior vítima do processo de produção capitalista, seria a grande interessada em sua abolição. Uma tomada de consciência de sua condição poderia desencadear uma ampla transformação na divisão social do trabalho.

Se é verdade que, dizem os “Manuscritos” de 1844, “a formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo”, o que fazer quando “o lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado [...] pelo simples estranhamento de todos os sentidos pelo sentido do TER”? Konder adentra a questão da *alienação* ou *estranhamento*. A Revolução Industrial e seu incrível progresso técnico não resultaram em benefícios para o trabalhador, que não possui os meios de produção e dispõe tão somente de sua força de trabalho. Antes mesmo de nascer, a mercadoria a ser produzida já pertence ao patrão, obedecendo ao ritmo objetivo imposto pelos processos de produção e reprodução do capital. Tal fenômeno “contamina” a sociedade, faz com que o trabalhador não se reconheça naquilo que fez – ou que não se reconheça senão como “coisa”. Lukács, considerado

por muitos o “pai” do marxismo ocidental e com quem Konder manteve correspondência, desenvolveu (em 1922, antes mesmo da publicação dos referidos “Manuscritos”) as intuições de Marx, chegando ao conceito de “reificação”, no clássico **História e consciência de classe**.

Um dos pontos altos do livro, a análise da produção filosófica de Marx e a defesa contra a vulgarização de seu legado contam, também, com tiradas de humor: Konder sugere que se faça uma rápida “pesquisa” de campo. Que se indague, numa recepção ou numa festa qualquer, bem freqüentada e plena de *buffets*, o que seria o conceito de alienação. A espera por algum tipo de resposta ou coisa que o valha contrasta com o imediato cerramento dos cenhos e com as tentativas de brusca mudança nos rumos da conversação. Ou, se o cientista for valente, caso a expulsão do recinto ainda não tenha sido proposta, (via xingamentos ou lugares comum do tipo “atrasado” e “ditador”) seria talvez uma boa ocasião para se debater a idéia de ideologia para Marx (é bom lembrar que o tom deve ser o de humildade). Tudo compreensível, nos acalma o filósofo com sua serenidade. Obras fundamentais para a filosofia marxiana, como os **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**, só foram publicadas em 1932, fato que em certa medida dificulta uma compreensão desprovida de preconceitos; além disso, o nome “Marx” se encontra envolto numa aura de “subversão”, não agradando aos detentores do poder e a bem formados profissionais liberais – que num piscar de olhos se esquecem da concorrência selvagem e de suas disputas, as mais mesquinhas, e se unem pelo medo, pela incompreensão, ciosos de seus acomodados valores. Por isso, conclui, em tempos de celebridades efêmeras, “ele tinha de ser, mesmo, mais famoso do que conhecido”, não fugindo à regra do pensamento unidimensional. Marx (mas também Che) estampado como *pop star* é a confirmação dialética – via absurdo – da orgulhosa ignorância que nos cerca.

Finalmente, que tenha sido o papel da Filosofia o de contemplar a natureza, o de pensar a nascente democracia, fundamentar-se num *eu* que pensa (ou num *nós* presente mesmo na solidão), definir a bondade

de Deus, reivindicar direitos de classe (seja ela qual for) ou formar quadros: o que fica da leitura de **Filosofia e Educação – De Sócrates a Habermas** é a certeza de que a Educação é atravessada de uma ponta a outra pelas indagações da Filosofia e que as abstrações da teoria podem – e devem – se conjugar com os desafios vividos na prática por educadores e educandos, na luta por um ensino democrático, plural e de qualidade. Portanto, é com imensa satisfação que saudamos mais uma obra desse filósofo-educador (ou educador-filósofo).